

Evento: XXII Jornada de Pesquisa

O MÉTODO HERMENÊUTICO E A PESQUISA NA ÁREA DAS CIÊNCIAS HUMANAS¹ **THE HERMENEUTICAL METHOD AND RESEARCH IN THE AREA OF HUMAN SCIENCES**

Evandro Santos Duarte², Vanderlei Gularte Farias³, Neiva Afonso Oliveira⁴

¹ Trabalho de pesquisa relacionado ao Programa de Pós-graduação em Educação - nível Mestrado - UFPel

² Mestrando em Educação no PPGE-UFPel na linha de Filosofia e História da Educação sobre Orientação da Prof. Dra. Neiva Afonso Oliveira. Grupo de pesquisa FEPraxis.

³ Mestre em Educação pela URI ? FW. Professor na Escola Estadual de Educação Básica Sepé Tiaraju, FW-RS. Membro do Grupo de Pesquisa em Filosofia da URI-FW.

⁴ Doutora em Filosofia. Professora Associada do departamento de Fundamentos da Educação ? UFPel.

Resumo: O presente texto é uma pesquisa de cunho bibliográfico que busca elucidar como o método hermenêutico contribui para o processo da pesquisa bibliográfico na área das ciências humanas. Partindo do fato de que a escolha do método é o primeiro passo para a construção de toda a investigação científica, entende-se que a hermenêutica não é uma mera técnica de estudo, mas um método que pode expor de modo profundo a realidade e o conhecimento. O texto busca discutir as impossibilidades de aplicar-se o método das ciências da natureza em pesquisas do campo das ciências humanas. Propondo que a hermenêutica é antes de tudo a própria palavra. Discutindo o que é a hermenêutica a partir de Amaral Filho (2009), Ghedin (2004) e Gadamer (2003), esses autores também defendem que ela não é uma criação autônoma, pois a hermenêutica dos textos é devedora do texto. Assim, o método hermenêutico é mediador no processo de interpretação dos textos. Buscamos a hermenêutica dos textos quando nos sentimos incomodado com algo que o autor do texto esta propondo, sendo que toda a compreensão necessita de contextualização. Finalizamos o texto defendendo que a hermenêutica é o meio de interpretarmos o texto corretamente, com a compreensão correta podemos fazer a crítica correta do texto e do que ele pode significar.

Abstract: This text is a bibliographical research that seeks to elucidate how the hermeneutical method contributes to the process of bibliographic research in the area of human sciences. Starting from the fact that the choice of method is the first step in the construction of all scientific research, it is understood that hermeneutics is not a mere technique of study, but a method that can expose reality and knowledge profoundly . The text seeks to discuss the impossibilities of applying the method of the natural sciences in research in the field of human sciences. Proposing that hermeneutics is first and foremost the word itself. Discussing what is hermeneutics from Amaral Filho (2009), Ghedin (2004) and Gadamer (2003), these authors also argue that it is not an autonomous creation, since the hermeneutics of texts is indebted to the text. Thus, the hermeneutic method mediates the process of interpretation of texts. We seek the hermeneutics of texts when we feel uncomfortable with something that the author of the text is proposing, and all

Evento: XXII Jornada de Pesquisa

understanding needs contextualization. We end the text by arguing that hermeneutics is the means of interpreting the text correctly, with the correct understanding we can make the correct criticism of the text and what it can mean.

Palavras-chave: Hermenêutica, Método, Ciências Humanas;

Keywords: Hermeneutics, Method, Human Sciences;

O caminho hermenêutico na pesquisa em Educação

O trabalho investigativo traz à luz fatos, dados, relações, elementos que não percebemos no cotidiano. Isso só é possível quando temos entendimento do caminho que precisamos seguir, mas, principalmente quando sabemos como percorrer este caminho. Alguns elementos no caso da pesquisa científica são primordiais para chegarmos ao fim que buscamos. Além de técnicas e procedimentos carecemos de um método, a ferramenta com a qual analisamos a realidade, os óculos que usamos para percebê-la. Concordamos com Ghedin (2004) com relação a que, “o método não é uma explicação exterior, o método não é simplesmente um instrumento, não é apenas procedimento de tipo técnico. Não é apenas um caminho mecânico que permitiria ser trilhado através do uso de algumas regras” (GHEDIN, 2004, p. 13).

Para Aristóteles, o método só pode ser definido a partir da determinação do objeto a ser investigado. A definição dos “óculos” antes da delimitação mais precisa do objeto pode ser perigosa, levando as análises realizadas a uma abstração vazia. Para Hegel, todo o método é ligado ao próprio objeto, sendo que o objeto traz em si o caminho que deve ser percorrido. Gadamer questiona se o método que afasta-se do campo investigado não leva a uma compreensão equivocada do campo de estudo (GADAMER, 2003).

Na área das ciências humanas, predominam o estudo, a pesquisa e a construção de saberes a partir dos textos ^[1]. Remetemo-nos aos textos, é deles que tiramos a base teórica para o estudo, até quando da pesquisa de campo, sem o conhecimento do que se tem escrito sobre o assunto não conseguimos construir a base fundante para a pesquisa.

No caso do campo pedagógico, não acreditamos ser possível aplicar exclusivamente o método indutivo, de viés humiano, já que ele não possibilita que conheçamos o mundo social e histórico, por não estar coerente com a realidade dos mesmos. Embora em casos específicos possamos encontrar certas regularidades, não parece que a partir dessas regularidades possamos construir determinados conhecimentos relacionados às ciências sociais e humanas. No caso do campo teórico-bibliográfico não parece ser coerente aplicar os métodos ligados às ciências naturais.

É possível pensar que o método hermenêutico contribui para a construção da nossa caminhada, já

Evento: XXII Jornada de Pesquisa

que ele possibilita compreender a realidade, como por exemplo, entender os escritos dos autores que podemos utilizar em pesquisas bibliográficas. Compreender os escritos não é apenas comprovar possíveis antecipações, mas ao verificá-las, questioná-las enquanto possibilidades que podem mostrar-se como incoerentes, por isso é importante “[...] alicerçar a compreensão sobre o próprio objeto a interpretar” (GHEDIN, 2004, p. 06).

A busca pelo caminho da definição do que é hermenêutica

O questionamento sobre o que é a “hermenêutica afinal?” feito por Amaral Filho (2009) é importante para iniciarmos esse busca por uma definição. Podemos perguntar também que elementos são esses que constituem a hermenêutica, afinal?. A hermenêutica é algo anterior à interpretação, por isso, concordamos que “[...] hermenêutica é, antes de tudo, assim como tudo para nós, palavra” (AMARAL FILHO, 2009, p. 39).

A hermenêutica filosófica busca ser um paradigma que pretende ser universal, ou seja, quer ser a filosofia que busca a compreensão ^[2] total da realidade, discutindo com outros métodos e outras formas de compreender a realidade, propondo respostas que outros paradigmas não dispõem.

A hermenêutica ultrapassa a interpretação e coloca-se como mediadora entre a linguagem e a correta compreensão pelos sujeitos dos vários signos. Para o autor em questão, em alguns momentos ela é “uma disciplina filosófica que versa sobre interpretação” (AMARAL FILHO, 2009, p. 40). Já para Ghedin (2004), “a hermenêutica situa-se na existência da linguagem, é nela e por ela que se processam os significados”. Mas, ele nos lembra de que “a linguagem não é o único instrumento de manifestação da existência, isto é, o discurso é uma forma de manifestação do ser, mas nem por isso é a única maneira de manifestação da realidade” (GHEDIN, 2004, p. 01-02).

Gadamer (2003) nos fala que uma obra artística - como um quadro de arte - necessita ser interpretada e essa interpretação é diferente da interpretação de um texto impresso, pois, o texto impresso é composto por signos diferentes dos que encontramos num obra de arte. Isso acontece porque cada objeto tem particularidades que são suas, mas o sujeito que conhece também coloca na compreensão conhecimentos que lhe são próprios, que podem ser estranhos aos objetos. Todos podem dar uma interpretação específica para os textos, pois somos constituídos por impressões diferentes no decorrer de nossa formação.

[...] Certamente, a compreensão “apropriada” de um texto introduz nas *geisteswissenschaften* algo da posição do intérprete no tempo, lugar e visão do mundo mas, em contraposição à interpretação artística, a compreensão do texto, enquanto mediatizada linguisticamente em sua interpretação, não é independente do original como uma criação autônoma (GADAMER, 2003, p. 11).

Evento: XXII Jornada de Pesquisa

Mesmo que haja elementos subjetivos na interpretação, **ela não é uma criação autônoma**. Ela é devedora ao texto que busca compreender, porque ela não busca qualquer interpretação, mas sim **a correta interpretação do texto estudado**. A leitura de um texto exige elementos próprios, mas não se coloca como uma atualização independente do pensamento; ela está sempre subordinada ao texto, e a seu dever no processo de reconstrução da leitura. Contudo, não há objetividade absoluta no ato de interpretar o texto, já que todo o intérprete propõe a sua interpretação ao texto, não que seja algo arbitrário, mas pode gerar certas imprecisões à compreensão do texto, inserido nele algo que lhe é estranho (GADAMER, 2003).

Buscamos interpretar algo quando entendemos que o significado não está totalmente claro, ou quando se requer uma análise mais profunda do que realmente está escrito. A interpretação é realizada também quando questionamos os significados postos pelo texto, mas principalmente quando não concordamos com a compressão que nos é passada; dessa forma, torna-se necessária a reflexão das categorias que compõem o texto para que elas apareçam da forma mais compreensível, levando-nos a buscar saber qual o real significado delas.

Queremos dizer que a interpretação não acontece sem mediação, por isso, a necessidade de um método para interpretar, olhando para além do sentido imediato e descobrindo o verdadeiro significado que está escondido. Segundo Nietzsche (apud GADAMER, 2003), todos os enunciados provenientes da razão são possíveis de interpretar e muitas vezes seu sentido verdadeiro ou real chega mascarado ou deformado pelas ideologias.

Também não podemos querer encontrar na obra o que o autor quis dizer, mas o que ele de fato disse. A obra não é estruturada internamente por elementos ocultos a serem decifrados (exceto quando fatores externos a tornam oculta), mas por uma escrita que traz por si mesmo o significado que ela quer passar, daí que a interpretação recai sobre a real intenção que o autor teve em escrever aquele texto.

[...] Na obra, não encontramos o que o autor quis dizer, mas sim, o que ele de fato disse ao escrever a obra. Ali está não exatamente o que ele pensou, mas sim o que escreveu, ainda que, evidentemente, o próprio autor tenha pensado o que escreveu (AMARAL FILHO, 2009, p. 49).

Não está exposto o que ele pensou, mas o que ele escreveu. É claro que isso não quer dizer que ele pensava de outra forma, entretanto, não significa também que o autor pensava apenas aquilo que está posto no escrito. As palavras postas devem guiar para a correta compreensão do que estava escrito. Precisamos compreender o texto partindo do que lhe é próprio e isso significa que o autor organizou o texto de uma forma específica, que ultrapassa a simples organização gramatical ou semântica. O que nos pede interpretação é a obra do autor.

Interpretar a obra do autor não significa que lhe dou aprovação, apenas tomo conhecimento do dizer dele, mas não a tomo como minha opinião. No entanto, quando tomo conhecimento do “dizer do outro”, sinto-me convidado a tomar uma posição (GADAMER, 2003). Isso não quer dizer que quando interpretamos o texto, devemos esquecer nossos posicionamentos, ou, puramente

Evento: XXII Jornada de Pesquisa

evitarmos formar qualquer ideia antecipada sobre o conteúdo do escrito. Mas o processo de compreensão tem como um dos seus fundamentos a dúvida – colocamos dúvida sobre o que o texto diz, questionando a validade ou não do que está escrito.

Na verdade, isso acontece porque o dizer do outro tem vários sentidos, quase que sentidos indeterminados. Quando percebemos os variados sentidos que o texto pode ter, discriminamos os diferentes sentidos possíveis, aceitamos aqueles que consideramos possíveis e criticamos aquilo que nos parece estranho (GADAMER, 2003).

O texto tem sempre algo a nos informar, por isso, buscamos compreendê-lo, e a consciência hermenêutica propõe que sejamos receptivos àquilo que o texto tem a nos informar. Isso pressupõe identificar opiniões e preconceitos com a finalidade de retirar destes a limitação que elas podem impor ao nosso conhecimento. Quando “libertamos” nossas concepções desses preconceitos, damos ao texto a possibilidade de aparecer e de manifestar verdades que talvez não percebêssemos, posteriormente, contrastamos com os nossos preconceitos estabelecidos pela experiência que tínhamos anteriormente (GADAMER, 2003).

A compreensão começa quando nos damos conta de que algo nos “incomoda”, que há algo a ser questionando, que o texto interpretado traz algo que nos faz pensar “sobre”. Este incomodar nada mais é do que nossos preconceitos, os elementos que determinam nosso ser, mas são uma *pseudo* compreensão da realidade, ou, até mesmo uma *pseudo* compreensão de nós mesmos. Pôr entre parênteses nosso juízo e nossos preconceitos exige uma reflexão radical sobre a própria ideia que temos de interrogação, questionamento. Para que o preconceito ganhe um novo sentido, precisamos explorá-lo ao máximo:

[...] Se é difícil substituir uma convicção, denunciá-la como preconceito, é porque precisamente aquela que reivindica o seu lugar não pode apresentar as suas credenciais enquanto a convicção atacada não for desmascarada e denunciada como preconceito (GADAMER, 2003, p. 69).

No campo específico da pesquisa, os preconceitos ^[3] não reconhecidos como tal geram incompreensões teóricas que prejudicam a correta análise dos textos. O caminho para a desmascaramento dos preconceitos é a interrogação, o ato de questionar nossos próprios paradigmas em contato com o texto do outro, o reconhecimento de que a verdade pode também ser ouvida na voz do outro, e não apenas nas minhas opiniões.

A compreensão hermenêutica em relação ao objeto começa ao retirarmos a distância temporal e a idealização do objeto, passamos a reconhecer no “objeto histórico” o outro, que coloca-se ao lado das convicções e opiniões que são “minhas”. Deste modo, começa o processo de reconhecimento dos meus preconceitos e das visões do outro. Por isso, podemos dizer que compreender é mediar o presente, que percebemos nas nossas opiniões, e o passado, que desenvolve-se nas opiniões dos outros. Desenvolvemos em nós uma série de reflexões sobre as coisas colocadas pelos outros; do mesmo modo, refletimos sobre o passado com o olhar do presente.

Evento: XXII Jornada de Pesquisa

O interpretar pode possuir mais que um sentido, possibilitando uma interpretação que advém das “coisas”. Identificando o sentido correto, partimos para sua interpretação na direção da compreensão e da explicação desses fatos, deixando de lado os preconceitos que anteriormente nos norteavam. Concebidos como processos distintos a compreensão e explicação complementam-se. Assim,

[...] Compreender significa explicar o sentido das significações atribuídas à realidade das coisas e do mundo. Seja qual for o método ou a maneira utilizada, é próprio do ser humano significar e, através da interpretação, compreender toda a complexa realidade que nos envolve. Para compreender o sentido de nossos atos é preciso passar pela explicação. A compreensão é resultado, inacabado, de um processo de explicação (GHEDIN, 2004, p. 07).

Temos aqui outro fator fundante do método hermenêutico, a necessidade de compreender algo para explicar, ou de explicar algo para compreender. A explicação por si só não garante a compreensão, mas sem a necessidade de explicar algo, não há processo de compreensão. Se não há questionamento, não há resposta, mesmo que a resposta possível em alguns casos seja inacabada, o processo de conhecimento só é possível com o questionamento.

Na área das ciências sociais e humanas, a pesquisa chega a resultados pela dinâmica do círculo que gira em torno da explicação, compreensão e interpretação da realidade. Partindo da compreensão e da interpretação é que buscamos métodos explicativos, que são compreensivos, por demonstrarem determinada interpretação (GHEDIN, 2004).

A distinção entre compreender e explicar, entre ciências humanas e ciências naturais é o resultado de um processo de construção do conhecimento e das formas e metodologias de conhecimento, oriundas de um processo positivista da construção das ciências. A compreensão para a qual estamos caminhando vai na direção do entendimento de que ambas as ciências se constituem na relação dialética entre compreender/explicar. Distinguir o processo explicativo do processo compreensivo é continuar dicotomizando a realidade e os modos que nos possibilitam significá-la e entendê-la. A realidade se explica porque se quer saber e a compreensão não é um estágio final deste processo, mas é meio para que as coisas, o mundo e nós mesmos saibamos o que somos (GHEDIN, 2004, p. 07).

O processo não é determinado *a priori*, mesmo que haja certa organização conceitual e uma projeção do que buscamos não podemos prever antes da pesquisa a quais resultados chegaremos, porque o compreender não está posto antes do ato de interpretar. Se já tivéssemos as respostas, não precisaríamos buscar compreender. O que move a busca pela compreensão é descobrir que algo não está coerente com a realidade.

Evento: XXII Jornada de Pesquisa

Para conhecer o objeto, não podemos olhá-lo com neutralidade, supondo que somos “imunes” a ele, porque ao estudarmos o texto (objeto) para compreendê-lo estamos sendo modificados por ele. Não existe distanciamento total do objeto, como acontece nas ciências naturais, porque se houvesse, não nos seria possibilitado conhecer toda a riqueza dele (GHEDIN, 2004). “[...] No estudo das ciências humanas, é muito difícil separar o sujeito de seu objeto pesquisado. É próprio das ciências humanas essa íntima ligação entre sujeito e objeto” (GHEDIN, 2004, p. 08).

Para compreender o objeto corretamente, cabe fazermos uma distinção entre a realidade a ser pesquisada – que é de interesse do pesquisador – e que buscamos demonstrar, e a realidade do pesquisador, que meditando com suas anotações e análises tenta para sistematizar informações obtidas no campo estudado, procurando fazer uma leitura e releitura da realidade. Ou seja, uma coisa é âmbito contextual do pesquisador e outra coisa é o contexto do objeto estudado, que podem ter semelhanças, mas certamente apresentam diferenças (GHEDIN, 2004).

Uma coisa é nossa realidade contemporânea, outra, por exemplo, é a realidade que Platão, Aristóteles viveram. Certas discussões que travaram foram superadas, outras esquecidas e, por isso, cabe olharmos para sua obra com estas questões presentes, sabendo de limites que podem existir na descontextualização dos escritos deles.

Por isso, a hermenêutica deve partir do fato de que compreender é estar em relação com a “coisa” mesma e com a tradição da onde a “coisa” possa falar. Assim, quem busca uma compreensão hermenêutica, deve dar-se conta de que essa relação não acontece de forma natural. Toda a compreensão pressupõe que seja orientada pela contextualização do texto e a correta análise perpassa esses elementos e, assim, alcançamos a real intenção do texto e a verdade que ele propõe expor. Até pelo fato de que sempre estamos diante do texto e do contexto^[4] e ao mesmo tempo somos influenciados pela realidade que estamos buscando compreender. Para Ghedin (2004), somos tocados pela realidade na qual estamos imersos a pesquisar, assim como, buscamos tocar essa realidade cheia de significados que queremos compreender, mas essa realidade não se revela imediatamente aos nossos olhos. Temos que ficar atentos para compreendê-la.

O método hermenêutico busca assim descobrir o discurso na obra. Não conhecemos esse discurso de forma tranquila, chegamos a ele verificando nas estruturas da obra a própria obra, por isso, a interpretação precisa do afastamento que possibilita considerar fatores que estão para além do texto, que tratam especificamente do contexto.

A interpretação, nesse sentido, não pode ser vista como um elemento secundário, ao qual, posteriormente, acrescenta-se a compreensão. O objeto de estudo determina, desde o princípio e em sua totalidade o conteúdo efetivo e concreto da compreensão hermenêutica (GADAMER, 2003). “[...] Diante de um texto, por exemplo, o intérprete não procura aplicar um critério geral a um caso particular: ele se interessa, ao contrário, pelo significado fundamentalmente original do escrito de que se ocupa” (GADAMER, 2003, p. 57).

Ao descobrir alguns elementos compreensíveis, o intérprete esboça um projeto de significação para o texto, mas os primeiros elementos significativos do texto só chegam ao intérprete se houver

Evento: XXII Jornada de Pesquisa

uma leitura com o fim mais ou menos determinado. Para Gadamer (2003), “a coisa” que surge na leitura não é outra coisa senão um projeto que vai se corrigindo, à medida que chega-se ao patamar da decifração. O intérprete deve também refletir sobre as ideias preconcebidas, investigando a origem delas assim como o seu valor.

A interpretação acaba substituindo a pura análise lógica e semântica, porque quer perceber melhor o que há de diferente entre a particularidade e a sistematicidade. Nesse movimento, a singularidade busca incorporar a particularidade tendo em vista a totalidade do texto, não perdendo de vista a sistematicidade da interpretação (GHEDIN, 2004).

Interpretar é explicar o tipo de ser-no-mundo, manifestado diante do texto. Esse mundo do texto não é aquele da linguagem cotidiana, que fala das coisas dadas, mas o mundo poético que propõe possibilidades novas do existir. Porém, só é possível propor possibilidades quando o nosso discurso nos permite uma interpretação de nosso ser-no-mundo, isto é, só é possível captar a realidade em seu contexto na proporção em que este contexto nos lança na direção de nós mesmos, na compreensão do que somos e do sentido do ser (GHEDIN, 2004, p. 09).

Percebemos que o método hermenêutico não quer apenas compreender o texto, mas compreender com qual intencionalidade se busca o texto, de que forma nosso ser constitui-se a partir da compreensão no texto. O ato de interpretar não encerra-se em si mesmo, mas concretiza-se no ato de explicar o sentido do texto analisado. Só compreendemos corretamente um texto, quando compreendemos o nosso próprio mundo, e o mundo do qual aquele texto fala. Isso não quer dizer que existam vários “mundos”, mas que cada um traz em si certas particularidades.

O método hermenêutico não busca separar a interpretação do conteúdo da interpretação; ele não busca colocar a leitura do texto à parte do próprio texto, isso também tem validade para a retomada de determinados escritos. Busca-se na releitura desvelar elementos até então não observados, não significa que as leituras anteriores estão incorretas; por certo, elas não deram conta do todo, como nem nós damos conta dele. Contudo, ter o todo no horizonte é obrigação do pesquisador.

Para entender o texto, também precisamos entender o contexto, ou seja, temos sua organização interna, entretanto, para melhor o compreender, precisamos saber de sua organização externa. O autor nasceu em uma determinada época, em um lugar específico, imerso numa determinada realidade, numa situação histórica particular, certamente esses elementos influenciaram o seu pensamento. Logo, precisamos considerar o todo histórico do pensador para entender o todo de sua obra, é quase uma ação recíproca, assim como o pensamento dele explicou aquela realidade histórica, a realidade histórica explica o pensamento dele. O mesmo devemos considerar ao citarmos um texto em relação a toda a obra do autor, pois não estamos em condições de compreender todo o pensamento do autor apenas por uma obra particular (AMARAL FILHO, 2009).

Evento: XXII Jornada de Pesquisa

A compreensão de uma obra deve ser superada pela integração de todas as obras: vemos aí, um elemento do círculo hermenêutico[5] - da parte para o todo, e do todo para a parte. São raros os autores de uma obra só e, por isso, o círculo deve ser sempre ampliado. Cada obra do autor pertence ao todo de sua obra. Se quisermos compreender o que Gramsci quis dizer com o trecho "X" de uma de suas obras, devemos levar em conta o que ele considerava, ou seja, o seu pensamento como um todo, "exposto dialeticamente no desdobramento do todo de uma situação histórica determinada". Mas o círculo hermenêutico deve ser ampliado mais ainda, e devemos julgar que, se o pensamento de Gramsci faz parte da história, a história também faz parte do pensamento dele. Assim, é a partir do "com-texto" histórico do qual Gramsci está submerso que podemos fazer surgir a intenção do seu pensamento que ficou registrado em seus escritos [6] (AMARAL FILHO, 2009, p. 47-48). Tratando-se da relação circular entre o todo e suas partes: o significado do todo se compreende por suas partes, mas é somente à luz do todo que as partes adquirem a sua função esclarecedora (GADAMER, 2003).

Até por isso, todo o texto pertence ao conjunto da obra do autor, e depois ao gênero literário de onde provém. Mas, se quisermos perceber a sua autenticidade devemos entendê-lo como manifestação de certo momento, porquanto, o seu processo de criação está inserido na totalidade do contexto espiritual da qual o autor viveu. Somente com a visão de toda essa gama de elementos, desde os fatores objetivos aos subjetivos, podemos ter uma compreensão correta do texto (GADAMER, 2003).

[...] Quando compreendemos um texto, não nos colocamos no lugar do outro, nem é o caso de pensar que se trata de penetrar a atividade espiritual do autor; trata-se, isto sim, de apreender simplesmente o sentido, o significado, a perspectiva daquilo que nos é transmitido. Trata-se, em outros termos, de apreender o valor intrínseco dos argumentos apresentados, e isto de maneira mais completa possível. [...] compreender é o participar de uma perspectiva comum (GADAMER, 2003, p. 59).

Não precisamos nos colocar no lugar do outro para compreender; temos, sim, que perceber o significado daquilo que interpretamos, buscando entender por que o fio condutor argumentativo proposto pelo autor foi constituído dessa ou daquela forma, percebendo os vários elementos que compõem o texto, porque só assim participamos de modo ativo da "perspectiva comum". Ou seja, só com a compreensão do texto, podemos entender e fazer parte do grupo teórico do autor do texto.

É por isso que a fiel compreensão do texto não é apenas questão de desejo, nem de boas intenções, mas sim o trabalho fundamental do pesquisador que logra conseguir uma compreensão interpretativa, que busca o método hermenêutico, "chegar" ao conhecimento. Isso não significa que a interpretação será sempre fiel, porém, é obrigação encará-la como "ponto final".

Neste sentido, o compreender sempre tende para a totalidade, porque se quer compreender a totalidade da obra do autor, a totalidade que aquele escrito traz em si mesmo. Compreendemos

Evento: XXII Jornada de Pesquisa

que é nesse sentido que a hermenêutica contribui para entender o mundo, porque naquele texto temos um mundo, mundo este de possibilidades que só percebemos quando interpretamos o texto. Mundo este que traduz um sujeito, o autor, mas que tem em si vários outros “eu”, porque nele encontramos outros com os quais o autor dialogou. Dessa forma, interpretar é mais do que traduzir o traço desse eu, é trazer a luz outros que estão juntos no texto.

Para Amaral Filho (2009), o texto é sempre um espelho, onde o eu narcisista percebe-se, busca a sua própria vontade, querendo acima de tudo controlá-lo. Mas, chama atenção para o fato de que esse não é o caminho mais adequado para uma leitura hermenêutica. Para ele, na origem da hermenêutica, encontramos a solicitude para com aquilo que o texto provoca no leitor. Ela exige um modo próprio de lidar, como já dito acima, cada obra traz em si uma maneira própria de ser trabalhada.

[...] O texto exige, antes de tudo, que nos ponhamos solícitos diante dele, dispostos a escutar tudo aquilo que ele tem a nos dizer evidentemente, portanto, que não como um ego dominador que, ao fim e ao cabo, sujeita o texto a sua própria vontade, mas, antes do desprendimento daquele que deseja servir (AMARAL FILHO, 2009, p. 51).

Não dominamos o texto, não lhe atribuímos o sentido que queremos, escutamos o que ele tem a nos dizer, o ato de compreender gira em torno dessa questão: a independência do objeto frente ao sujeito, e no sujeito que sabe o seu lugar no processo de conhecimento e não manipula o objeto para responder as suas vontades, mas a vontade da qual o próprio objeto pode responder. Compreender é a busca pelo sentido correto do texto, há uma determinação única para aquele texto, que gira em torno dos conceitos trabalhados pelo autor. O texto nos diz quais conceitos, não somos nós que os construímos à nossa vontade.

O texto traz em si algo determinado, a partir de si mesmo, e aquele que escuta projeta-se no texto buscando escutar de forma coerente o que o texto tenta nos dizer, recebendo possibilidades para o seu próprio projeto, “um texto faz sentido não porque descubro nele a segurança de uma afirmação, mas antes, porque me oferece a possibilidade de várias perguntas cujas possíveis respostas são possibilidades do meu próprio mundo” (AMARAL FILHO, 2009, p. 52).

Segundo Ghedin (2004), em alguns casos, ocorre uma falsificação do real, via interpretação, gerando uma forma de exploração político-ideológica, ou seja, o texto, assim como a própria interpretação da realidade é utilizada para a manipulação dos sujeitos. As muitas interpretações são as várias faces da exploração, a “liberdade” de realizar leituras ou levar a “liberdade” de usar as interpretações para seu benefício próprio. “As interpretações dos fatos são formas de falsificar o real e dar-nos como fato ‘verdadeiro’” (GHEDIN, 2004, p. 02).

Nada mais cômodo para alguém que fazer valer sua visão de mundo diante do próprio mundo. Isto é uma falsificação do mundo pois, faz dele o resultado do poder de significá-lo a partir de uma só maneira. Este poder de significação, pelos meios do próprio sistema, impõe a

Evento: XXII Jornada de Pesquisa

hegemonia interpretativa da realidade. A voz do sistema é a voz da falsificação do real é a “visão de mundo” que se estruturou de tal forma que se tornou “senso comum” (GHEDIN, 2004, p. 03).

Percebemos não só a falsificação do real, assim como o controle do real para a manutenção do *status quo*, para a manutenção da exploração/opressão. Nesse sentido, o método hermenêutico contribui não só para a interpretação dos textos, mas como interpretação da própria leitura de mundo que predomina. **Os “textos” não são apenas os que lemos impressos, mas também são aqueles que dominam os discursos dos dirigentes** (GHEDIN, 2004). Por isso, a hermenêutica é a técnica da interpretação, mas não é meramente técnica, é a possibilidade que temos de fazer sentido e de dar sentido para certa realidade. Ela nos possibilita mais ainda, ela é a técnica filosófica de interpretar, que traz em si a possibilidade de ir além da interpretação, possibilita ser um método científico de compreender o texto (AMARAL FILHO, 2009).

[...] Ler é aprender o significado das frases, compreendendo-as. Aprender o significado das frases compreendendo-as é interpretar. Interpretar é a atividade própria da hermenêutica. Na origem da hermenêutica, está a convocação dos textos. É a leitura, portanto, que privilegiadamente solicitada pela escrita, põe em jogo a questão do sentido (AMARAL FILHO, 2009, p. 44).

A hermenêutica tem como fim a interpretação que, permanece aberta. Ou seja, a interpretação pode sempre ser revista, repensada, pois, em cada momento, o intérprete fala de um lugar diferente, a interpretação sempre coloca-se como algo novo, já que sempre podemos perceber algo de novo na linguagem compreendida.

Então, “[...] hermenêutica o que é isto, afinal? Respondendo: A técnica filosófica da interpretação de textos visando à compreensão correta dos mesmos” (AMARAL FILHO, 2009, p. 44). Os textos são constantemente manipulados, por isso, é importante compreendê-los, porque com a compreensão correta podemos fazer a crítica acertada àqueles que se utilizam do conhecimento para manipular a realidade e explorar o ser humano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O método hermenêutico pode ser os “óculos” necessários para a pesquisa na área das Ciências Humanas, porém, com isso não queremos dizer que ele é o único método de pesquisa que pode ser utilizada na área das humanidades, mas a hermenêutica pode ser significativa e a única a ser aplicada em determinadas pesquisas. Como exposto acima, a escolha do método é o primeiro passo para a organização de toda a investigação científica, diante disso, entende-se a hermenêutica como o método e não uma mera técnica. Método que pode expor de forma profunda a realidade.

Evento: XXII Jornada de Pesquisa

Buscamos nesse texto também discutir e expor as impossibilidades de aplicar-se puramente o método das ciências naturais em pesquisas no campo das humanidades, até por isso, é tão necessário pensarmos um método para o nosso campo de estudo, e assim a hermenêutica aparece como possibilidade de método. Hermenêutica que antes de tudo é a palavra, não sendo uma criação autônoma, aonde a interpretação vem sempre do texto, nunca sendo feita fora do texto. Dessa forma, a hermenêutica é a mediadora no processo de interpretação dos textos.

A busca da interpretação somente acontece quando nos sentimos incomodados com o que o texto esta propondo, algo no texto precisa ser interpretado e revelado, isso não quer dizer que o texto esta codificado, ou traz signos que não são claros, mas ele pede que se entenda para além daquilo posto, buscamos sempre ter em vista a totalidade das obras do autor que estudamos, ou do texto que buscamos ler, da mesma forma buscamos contextualizar o que foi escrito para termos uma melhor compreensão dos escritos. O método hermenêutico ao possibilitar a correta interpretação dos textos torna-se relevante porque com ela conseguimos fazer à correta crítica a nossa realidade alienante e opressora que vivemos na contemporaneidade, por isso, a hermenêutica é um método tão fecundo na pesquisa das áreas das ciências humanas.

REFERÊNCIAS

AMARAL FILHO, Fausto dos Santos. Hermenêutica: o que é isto, afinal?. In: AZEVEDO, Heloisa Helena Duval de; OLIVEIRA, Neiva Afonso; GHIGGI, Gomercindo (Orgs.). **Interfaces:** temas de Educação e Filosofia. Pelotas: Editora Universitária/UFPel, 2009. p. 39-53.

GADAMER, Hans-Georg. **O problema da consciência histórica**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV. 2003. 96 p.

GHEDIN, Evandro. Hermenêutica e pesquisa em educação: caminhos da investigação interpretativa. In: II Seminário internacional de pesquisa e estudos qualitativos. 2004, Bauru. **Anais...** Bauru: USC, 2004. p. 1-14.

[1] Cabe conceituarmos que vamos defender os conceitos “textos” e “escritos” da seguinte forma: o “texto” e o “escrito” não são somente aquilo que lemos em materiais impressos, mas também aquilo que percebemos nos discursos, nas falas, na propaganda, nas imagens que percebemos na contemporaneidade. Aquilo que a classe dominante utiliza-se para a construção da sua hegemonia, entretanto, também tem valor ideológico - os incluímos na compreensão do que vamos defender com os conceitos “texto” e “escritos” - aqueles elementos utilizados pela classe subalterna para construir outra hegemonia. “A partir de uma abordagem hermenêutica poderíamos dizer que o texto é a mensagem, a fala, o discurso dos sujeitos; o contexto do texto passa a ser o contexto

Evento: XXII Jornada de Pesquisa

social-político-econômico-cultural-vital dos sujeitos que fazem a experiência do processo educativo, como uma formação crítica ou como alienação”. (GHEDIN, 2004, p. 05).

[2] Por “compreensão” entendemos o ato de “[...] conhecer-se em alguma coisa [...]” (GADAMER, 2003, p. 66), ou seja, conhecer essencialmente algo, conhecer a verdade mesma. No caso dos textos, não basta ser a correta expressão do pensamento, mas ele deve transmitir a verdade mesma.

[3] O que percebemos na realidade social é justamente o fortalecimento dos preconceitos, eles têm sido mantidos e reorganizados, às vezes com uma nova roupagem, com a intencionalidade de manutenção do paradigma excludente da classe dominante. Assim, os preconceitos não têm sido denunciados nem desmascarados, mas fortificados.

[4] O contexto donde provém o “texto” e o próprio contexto onde está inserido quem interpreta o texto.

[5] O círculo hermenêutico refere-se ao movimento de interpretação, pois, toda a interpretação gira em torno do já compreendido. Para isso, precisamos reconhecer que as palavras são seres dotados de sentido (AMARAL FILHO, 2009). O círculo hermenêutico é rico em conteúdo, reunindo o intérprete e o texto numa totalidade em movimento. Todo o encontro entre o intérprete e o texto significa a “suspensão” dos meus preconceitos “seja o encontro com uma pessoa com que aprendo a minha natureza e os meus limites, seja com uma obra de arte [...] ou com um texto” (GADAMER, 2003, p. 13-14).

[6] Amaral Filho (2009) utiliza em seu texto o exemplo de Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831). Apenas transposemos o seu entendimento para o autor marxista Antonio Gramsci (1891-1937).